

APESAR DAS VITÓRIAS JÁ ALCANÇADAS

NÃO É AINDA ALTURA DE REPOUSAR

N. 1/9/84

— Marcelino dos Santos, fazendo balanço de um ano de Direcção da Província de Sofala

por Rogério Sítos

Grandes vitórias militares, importantes, principalmente sob o ponto de vista económico e sócio-político, estão a ser obtidas na província de Sofala. O restabelecimento da tranquilidade em algumas zonas, cujas populações viviam há anos constantemente aterrorizadas pela acção dos bandidos armados, a reabertura das principais vias de comunicação rodoviária e ferroviária (incluindo Beira/Save e Beira/Inhaminga, o que melhorou substancialmente o abastecimento do povo nos distritos), é o corolário de uma nova dinâmica organizacional imprimida aos órgãos do Partido e do Governo e das Forças Armadas. Em entrevista que Marcelino dos Santos concedeu aos órgãos de informação nacional, falou sobre estes aspectos e deu particular realce ao envolvimento popular como força determinante para o alcance destas vitórias. O dirigente de Sofala fez um balanço das diversas actividades desenvolvidas na província desde que assumiu a sua direcção, em Junho do ano passado. Ele disse, contudo, que ainda não é o momento de repousar, pois muito há ainda por fazer.

Marcelino dos Santos começou por situar e determinar a importância da focalização geográfica e económica da província de Sofala, não só no âmbito nacional como também regional.

— Quando chegámos, na estrada Beira/Save já se podia circular. Mas as linhas férreas estavam todas intransitáveis. Era preciso travarmos um combate para assegurarmos o abastecimento do povo. Os bandidos armados estavam na linha Beira/Sena, e cada vez que o comboio andava era atacado. A estrada Muanza/Inhaminga estava praticamente intransitável e os bandidos tinham-se concentrado na Gorongosa. Então, era preciso organizarmo-nos, e isto significava, em primeiro lugar, fazer uma análise para a definição e o esforço a realizar, liquidando os bandidos e abastecendo o povo. Tudo isto exigia a participação de todos, o conhecimento comum para avançarmos numa só direcção. Foi o que fizemos.

Marcelino dos Santos apontou que a maneira de trabalhar do Governo Provincial não era, então, a mais correcta. Directores provinciais ficavam dois anos sem visitar os distritos. É evidente que não se podia dirigir sem o conhecimento da actividade de base. Muitos males foram também resultado da insuficiência a nível da direcção da província. Já demos cabo desta situação e acabou — acrescentou.

ORGANIZAR TODOS OS ÓRGÃOS

O dirigente da Província de Sofala deu, na entrevista, particular importância à necessidade que houve de reorganizar todos os sectores de modo a corresponderem às novas exigências de luta, e para permitir que mobilizasse com acções concretas a população para se envolver na luta.

— É evidente que todo este trabalho tinha de ser feito pelo Partido e pelo Governo. Foi necessário olhar para o Partido e para o Governo e ver como estavam; a Assembleia, como estava. Vimos, então, a pouco e pouco que era preciso estruturar, organizarmo-nos e fazer andar a luta contra

os bandidos armados. Criámos o Secretariado Alargado do Comité Provincial, que reúne e executa tarefas nos intervalos de duas sessões do Comité, e em simultâneo, formámos a Comissão Executiva da Assembleia Popular. Isto, a nível provincial, mas, a estruturação abrangeu todos os níveis, até à localidade.

No entanto, toda esta organização não podia dissociar-se da organiza-

ção das Forças Armadas. Marcelino dos Santos referiu-se a este aspecto, admitindo que no início foram cometidas algumas falhas. Foram falhas que bem corrigimos — disse.

Mais adiante, afirmou: Vimos, por exemplo, que as condições de logística eram más. Era preciso transportar coisas e produtos para Gorongosa, Chibabava e outros distritos e tinhamos dificuldades de transportes. Levá-

vamos um ou dois meses a organizar tudo isto.

TRAÇADOS OS OBJECTIVOS A LUTA AVANÇOU

— Todos compreendemos que era preciso fazer que o conhecimento da província por todos fosse geral. Era preciso mobilizar e envolver o povo na luta, o que não podia, de forma alguma, ser feito por uma só pessoa — acrescenta Marcelino dos Santos. A condição de base foi, portanto, esta organização em todos os níveis, particularmente no âmbito das instituições populares, que vão permitir que os soldados avancem para a mata.

Segundo revelou na entrevista, o dirigente da Província de Sofala, depois de toda esta mobilização e estruturação, estas acções foram levadas, em Março, ao Comité Provincial e à Assembleia, que determinaram os principais objectivos e os meios a utilizar na luta.

— Vimos que era correcto a Direcção do Estado em Sofala pagar também nas vitórias privadas existentes e organizar o abastecimento de maneira correcta nas zonas de guerra; mobilizar os proprietários, pagadores e trabalho, mas as vitórias permanecerem sob controlo do Estado enquanto necessário. É competência da província e estamos a tomar medidas que estão dentro das nossas responsabilidades. Em segundo lugar, definimos que o abastecimento de povo beneficiaria primeiro as zonas de guerra: Chibabava, Maringué e Gorongosa. Na prática, significa que Beira, Búzi e Machanga não constituem prioridade. Mas foi necessário discutirmos e chegarmos a um acordo sobre a necessidade da sacralidade. Foi respeitando esta ordem de prioridades que a reabertura das vias rodoviárias e da linha Beira/Sena foi também priorizada.

Como corolário de todo este trabalho, Marcelino dos Santos deu a conhecer que assim, consolidados a estrada Beira/Save, as colunas para transportarem diversos produtos para as zonas de guerra avançam rapidamente. Circula-se por via rodoviária da Beira para Chimolô, entre outros, e recentemente foi reaberta a linha férrea Beira/Montez, estando actualmente as Acucareiras de Mafambisse e Marroneu a beneficiar do carvão na presente campanha.

— Mas, por mais que belo tenha sido este esforço, nenhum de nós tem o direito de repousar. Estamos contentes porque a população este ano produziu muita batata-doce, mandioca e milho. Mas, os bandidos armados ainda não acabaram. O essencial está aqui: na maneira de revolver a terra e avançar — concluiu o Major-General Marcelino dos Santos.



Nenhum de nós tem o direito de repousar. Os bandidos ainda não acabaram. (Foto de Celeste Mac-Artur)